

A disciplina e a normatização de conduta: o discurso sobre a prostituição em Porto Alegre pelo Jornal *Gazetinha* sob a ótica de Michel Foucault¹

Gisele Becker*

Resumo: A partir da metade do século XIX, verificou-se, em Porto Alegre um processo de desenvolvimento urbano e cultural, para o qual foi necessária uma nova forma de sociabilidade urbana. Em um contexto de passagem do Império para a República e momento em que os papéis femininos assumiram outras perspectivas, ainda permanecia, culturalmente, uma conduta desejada para a vida em sociedade; uma norma social vigente. O mesmo ímpeto de normalização destes costumes, em nome da manutenção da ordem, da família e da estrutura social vigente (valorizadora do papel do patriarca na família), é perceptível na imprensa local. Publicações como a *Gazetinha* demonstram grande preocupação com mudanças que a cidade vinha sofrendo: com o crescimento da cidade, modificam-se os comportamentos. Com o incremento da vida noturna, proliferam-se os bordéis na cidade. Ao mesmo tempo, surgem críticas negativas à limpeza urbana e a manutenção da ordem nas ruas. As temáticas passam a ser veiculadas de forma interligada: o problema social, de saúde pública e de segurança em que se constitui a prostituição, pelo olhar da *Gazetinha*. Estão presentes nesta fala a crítica do “vício”, da desordem nas ruas, a moral do cidadão porto-alegrense. São questões abordadas em textos de capa, colunas, charges e mesmo propagandas do jornal entre os anos de 1895 e 1897. Constrói-se a imagem de uma Porto Alegre tomada pelo vício e pela devassidão. O momento parece ser o da necessidade da disciplina. Para que o mérito fosse alcançado, não bastaria sugerir como o indivíduo deveria conduzir sua vida privada; a partir do momento em que ele tem uma vida pública, esta também deveria ser monitorada. A *gazetinha* acabou por assumir este papel vigilante dos comportamentos, denunciando irregularidades e fugas aos padrões desejados. Busca-se a disciplinarização do indivíduo. Sob a ótica de Foucault, a disciplina envolve a cerca, separando-se os corpos em espaços diferentes. Trabalha-se a idéia de cada indivíduo no seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo. Na *Gazetinha*, além da solicitação de maior ação das autoridades policiais para a disciplina, sugere-se o desejo pela “limpeza” da cidade dos indivíduos e dos locais que promovem a devassidão

Palavras-chave: Disciplina; Prostituição; *Gazetinha*; Vigilância.

A virada do século XIX para o século XX, em Porto Alegre, significou um período de mudanças. A partir da metade do século XIX, verificou-se na cidade um processo de desenvolvimento urbano e cultural, para o qual foi necessária uma nova forma de sociabilidade urbana. Em um contexto de passagem do Império para a República e momento em que os papéis femininos assumiram outras perspectivas, partindo-se para o mercado de trabalho ou mesmo reclamando, em juízo eclesiástico, o direito de divórcio ou de melhores cuidados para com os filhos, ainda permanecia, culturalmente, uma conduta desejada para a vida em sociedade; uma norma social vigente, presente em diferentes meios de escrita. O mesmo ímpeto de normatização destes costumes, em nome da manutenção da ordem, da

¹Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo da Rede Alfredo de Carvalho - ALCAR

□ Historiadora, Mestre em História do Brasil e Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Especialista em Museologia e Patrimônio Cultural. Docente do Centro Universitário Feevale. E-mail; giseleb@feevale.br

família e da estrutura social vigente (valorizadora do papel do patriarca na família), é perceptível na literatura rio-grandense como na imprensa local.

Com a proposta de noticiar o cotidiano de Porto Alegre neste momento, surge o jornal *Gazetinha*, tendo como responsável Octaviano Manoel de Oliveira². A publicação, de vida curta (maio de 1891 a março de 1900), sofre alterações ao longo de sua existência. Se de início pretendia noticiar os acontecimentos locais e abrir espaço para o desenvolvimento da literatura, aos poucos a crítica e a sátira dos costumes dos porto-alegrenses vão ocupando as páginas do jornal que, em certa medida, se torna caricato, ainda que por breve período, mas especialmente a partir de 1895, quando é lançado o primeiro número ilustrado:

... fosse porque o público já desse sinais de cansaço de semelhante gênero de leitura [do caráter até então apresentado pela *Gazetinha*], fosse porque o momento oferecesse aso a incursões mais atuais em terreno novo, Octaviano de Oliveira resolve dar outro rumo ao periódico e a ele imprime feição mais condizente com a época.³

Com as edições ilustradas, busca-se ampliar o raio de ação do jornal na cidade. Bem recebida pelo público com a nova formatação, a *Gazetinha* passa a ser auto-identificada como um veículo que, além de ilustrado, estava sempre ao lado do *Zé Povinho*, como indicam a ilustração de capa e a charge abaixo:

FIGURA 1 – Capa da *Gazetinha* – o lápis e a pena

² Eram também responsáveis pelo jornal: Alberto Engel, Francisco Xavier da Costa, Isaac Lima, João Belém, Rodolfo Saint-Clair, Fausto Villanova, Edmundo Carvalho, Djalma Selistre, João Martirena, Deoclécio Carvalho, Marques Leite, Aldano Gomes, Virgílio Duarte, Lúcio Lima, Octávio Dornelles, Juvenil Guimarães. (SILVA, Jandira M. da. & CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986, p.195)

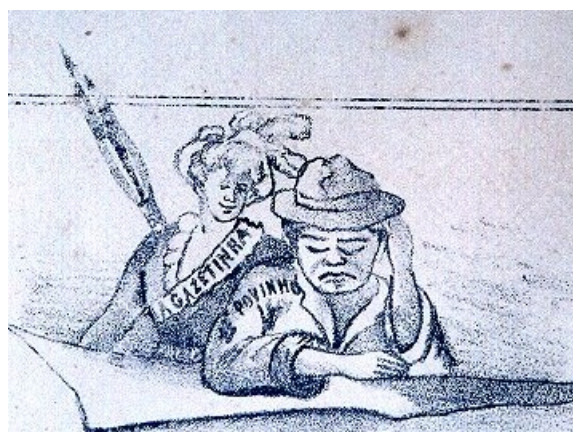
³ DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre / Rio de Janeiro / São Paulo: Globo, 1962, p.139.



“Viva la gracia! Leitor, eis-me aqui de ponto em branco, sem perder o riso franco, da troça do bem humor. / E agora, expansão mais plena, o meu programa vai ter / A crayon hei de fazer o que não fizer a prensa.”

Fonte: **Gazetinha**, Porto Alegre, 27 de outubro de 1895.

FIGURA 2 – A Gazetinha e o Zé Povinho



Fonte: **Gazetinha**, Porto Alegre, 29 de março de 1896.

Segundo Magalhães Júnior, as sátiras, onde se enquadram as charges da *Gazetinha*, são reflexos do próprio caráter do povo brasileiro: “representam formas de desabafo da alma

popular contra injustiças sociais ou um meio de aliviar a pressão sob a qual vivemos nas horas de crise.”⁴

A partir de 1897 o jornal sofre novas alterações, não mais sendo publicado com as edições ilustradas, voltando-se a temáticas de cunho mais político, atacando constantemente o partido de Julio de Castilhos. A circulação do jornal, porém, aumenta: se antes a folha circulava às quintas-feiras e aos domingos, agora se tornava publicação diária. Entretanto, uma questão permanecia ser o centro das atenções da Gazetinha neste espaço de 2 anos: a preocupação com o avanço da imoralidade, a fraca segurança pública e a prostituição em Porto Alegre. Em função do avanço destes problemas, na ótica da imprensa local, seriam necessárias medidas de saneamento da moral pública. Neste sentido, constroem-se falas disciplinadoras, buscando a manutenção de uma ordem desejada.⁵

A abordagem de temas semelhantes ganha força em meados do ano de 1895 em função da utilização do material visual de que a publicação passa a dispor neste momento. Demonstra-se uma preocupação muito grande com as mudanças que a cidade vinha sofrendo: com o crescimento da cidade, modificam-se os comportamentos. Com o incremento da vida noturna, proliferam-se os bordéis na cidade, parte deles servindo de espaço de trabalho para mulheres negras em um período pós-abolição da escravatura (ocorrida em 1888). Ao mesmo tempo, surgem críticas negativas à limpeza urbana e a manutenção da ordem nas ruas. As temáticas passam a ser veiculadas de forma interligada: o problema social, de saúde pública e de segurança em que se constitui a prostituição, de acordo com a representação feita pela *Gazetinha*, a crítica do “vício”, a desordem nas ruas, a moral do cidadão porto-alegrense. São questões abordadas em textos de capa, colunas, charges e mesmo propagandas do jornal entre os anos de 1895 e 1897. Ainda que a *Gazetinha* se intitule como jornal sempre ao lado do *Zé Povinho*, muitas vezes critica conduta e atitudes deste...

A *Gazetinha* constrói uma imagem de uma Porto Alegre tomada pelo vício e pela devassidão, repleta de perigos para as famílias “de bem”, por suas ruas sujas, mal-iluminadas, com o trânsito de elementos suspeitos. Para tornar a situação ainda pior, a guarda municipal é representada inatuante:

⁴ R. MAGALHÃES JÚNIOR. *Antologia de humorismo e sátira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1998, p.5.

⁵ Para Michel Foucault, este processo já vem de meados do século XVIII, contexto que tem um especial interesse na docilidade; na formação do que o autor chamou de *corpos dóceis*: “o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhora dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi ‘expulso o camponês’ e lhe foi dada a ‘fisionomia de soldado’.” (*Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2005, p.117-118) Também para o autor, “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Ruas há nesta cidade em que não pode uma família transitar pacificamente, em face do estado de imoralidade que se nota nas mesmas ruas, já pela permanente convivência de homens de baixa esfera, que vivem em completos desacatos, já pela maneira inconveniente que se portam essas mulheres depravadas, entregues ao vício da embriaguez. Haja vistas a Rua General Paranhos, antigo Beco do Poço, que prima pela beleza d'arte em seus assombros. (...) Todavia, temos que reclamar das autoridades policiais, pois que a elas cumpre o rigoroso dever de zelar pela ordem e moralidade pública.⁶

A fala da Gazetinha acaba se referindo não apenas à conduta de alguns em particular, mas diz respeito à própria organização do espaço urbano. O momento social, aqui, parece ser o da necessidade da disciplina. Para que o mérito fosse alcançado, não bastaria sugerir como o indivíduo deveria conduzir sua vida privada; a partir do momento em que ele tem uma vida pública, esta também deve ser monitorada. No texto publicado pela Gazetinha, esta idéia parece clara. O problema não está apenas na existência da imoralidade de alguns elementos que perambulam pelas ruas, mas a forma como ela interfere no cotidiano do cidadão que quer *transitar pacificamente*... Assim, sob a ótica de Foucault, a disciplina também envolve a cerca, separando-se os corpos em espaços diferentes. Trabalha-se a idéia de cada indivíduo no seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo. Na Gazetinha, além da solicitação de maior ação das autoridades policiais para a disciplina, sugere-se o desejo pela “limpeza” da cidade dos indivíduos e dos locais que promovem a devassidão, conforme o salientado por Foucault: “A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande ‘encarceramento’ dos vagabundos e dos miseráveis, houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes.”⁷

Assim, para o autor, a idéia da disciplina vem acompanhada da concepção de espaço útil. A mesma concepção parece se aplicar em Porto Alegre na virada para o século XX:

Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. (...) Pouco a pouco um espaço administrativo e político se articula em espaço terapêutico; tende a individualizar os corpos, as doenças, os sintomas, as vidas e as mortes; constitui um quadro real de singularidades justapostas e cuidadosamente distintas.⁸

O controle se faria necessário sobre todas as formas de conduta. Se é forte a fala contra a prostituição naquele momento, ela se vê complementada de uma série de outros discursos elaborados de forma a dar ênfase ao que se pretendia com relação aos

⁶ *Gazetinha*, Porto Alegre, 12 de janeiro de 1896, p.3.

⁷ FOUCAULT, *Op. Cit.* P.122 e 123.

⁸ *Idem*.

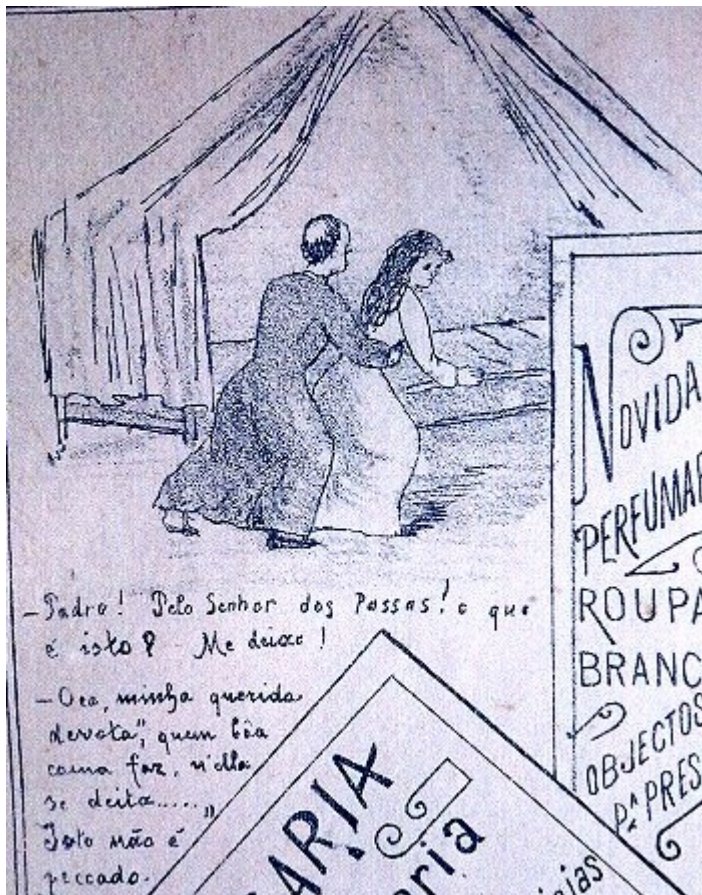
comportamentos sociais do período. A idéia, provavelmente, é a de conferir retidão a estes. Assim, ainda que a prostituição seja o alvo maior na fala dos jornalistas, também há espaço reservado para as denúncias de “escândalos morais” de outros cidadãos, como mocinhas que buscavam namorar às escondidas, as mulheres que recebem homens à sua casa na calada da noite (mesmo as casadas...), ou ainda as sofredoras, com o coração partido... de qualquer forma, a mulher é figura central, neste momento, dos discursos moralistas da Gazetinha. A vigilância de suas atitudes seria uma constante, na tentativa de formas *corpos dóceis*, conforme salienta Foucault:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).⁹

A charge publicada na Gazetinha em 1895, por exemplo, dá a dimensão do controle exercido sobre o jornal sobre as condutas sociais do momento. Os comportamentos tidos como contrários à retidão necessária eram prontamente denunciados em suas páginas, como forma de alertar a população (ao lado de quem a Gazetinha se coloca como protetora), bem como de educar pelo exemplo. A charge alerta para os comportamentos indevidos dos padres da cidade, referindo-se especificamente a um episódio onde uma moça inocente fora assediada sexualmente na sacristia pelo pároco. O caso não seria exceção em Porto Alegre, de maneira que a Gazetinha reserva páginas em várias edições para abordar o assunto.:

FIGURA 3: O escândalo na sacristia

⁹ *Ibid*, p.119.



- “Padre! Pelo Senhor dos Passos! O que é isto? Me deixe!”
- Ora, minha querida devota, ‘quem boa cama faz, nela se deita’... Isto não é pecado.”

Fonte: Gazetinha, porto Alegre, 10 de novembro de 1895.

O propósito parece ser, ao escandalizar e criar polêmica em torno de questões relacionadas, criar a obediência da população aos comportamentos desejados. Assim, conforme enfatiza Foucault, há a busca de técnicas para coerção individual e coletiva, em uma espécie de disciplina militar:

pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’¹⁰

Os recursos para a boa obediência e o que o autor chamaria de bom adestramento passariam por jogos de olhar, sendo, portanto, visíveis. Este olhar seria constantemente

¹⁰ FOUCAULT, Op. Cit, p.141.

exercitado pela Gazetinha, em campanhas declaradas pela moralidade pública, com o foco centrado na prostituição: “O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.”¹¹ A vigilância se torna fator decisivo. É colocando-se ao lado do povo, com o “dever” de protegê-lo, que o jornal empreende sua jornada contra as chamadas *espeluncas*, as casas de prostituição de jogos que tomavam conta da atual Borges de Medeiros. Tendo já seu início em 1895, a campanha fica mais acirrada em 1896, quando as cobranças das autoridades pela disciplinarização do Centro da cidade e da punição dos agitadores se torna também mais intensa. Em março daquele ano, o jornal reforça este seu papel social:

Embora o nosso esforço em benefício da moralidade pública, isto é, a campanha que levamos travada contra a existência das *espeluncas* desta Capital tenha sido estéril, pois até hoje a autoridade competente não dignou-se considerar devidamente o quanto temos publicado nestas colunas a respeito daquele assunto, embora estejamos clamando no deserto, prosseguiremos mostrando à população honesta desta cidade a podridão do vício que aqui alastra-se cada vez mais, continuaremos a denunciar os covis, as *espeluncas* onde perdem-se para a vida honrada mulheres que se deixam vencer pelas cantilenas falsárias dos ‘D. Juans’ de todas as condições sociais.¹²

A vigilância, portanto, recai não apenas por aqueles que poderiam ser apontados como criminosos, por instigar o vício e a imoralidade, mas pelas atitudes inoperantes das autoridades, a quem deveria recair a obrigação da vigilância. É como se coubesse à Gazetinha a vigilância, uma vez que a Intendência Municipal se mostrava ineficaz neste sentido. O Jornal cobra a organização de uma Guarda Municipal, promessa dos intendentes, que poderia contribuir no trabalho da vigilância e do controle da ordem:

FIGURA 4: Incubação da Guarda Municipal

¹¹ **Ibid**, p.143.

¹² Gazetinha, Porto Alegre, 15 de março de 1896.



“A famosa incubação [no ovo lê-se ‘Reorganização da Guarda Municipal’]: Quando o dr. Intendente acabará de chocar?”

Fonte: Gazetinha, 20 de setembro de 1896.

Foucault também salienta a necessidade de pessoas especializadas para a organização deste controle, a partir do momento em que o desenvolvimento do mundo do trabalho e urbano tornam a sociedade mais complexa. Ainda que Porto Alegre, na virada do século XIX para o século XX, não fosse uma grande metrópole se comparada aos modelos europeus, podemos considerar como um município em franco processo de desenvolvimento, pelo menos desde meados dos anos 1850. Assim, com o crescimento da cidade vieram os novos comportamentos, criando uma sociabilidade urbana que tornou a vida social mais complexa do que a vivida momentos antes. Com estas novas formas de sociabilidade, que incluem os novos procedimentos de ação cultural (teatros, cafés...) e o incremento de uma vida urbana noturna e a comercial, a necessidade da vigilância se fará mais presente, papel este reservado à Intendência e à Guarda Municipal Para o autor,

...à medida que o aparelho de produção se torna mais importante e mais complexo, à medida que aumentam o nº de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu cumprimento. Um pessoal especializado torna-se indispensável, constantemente presente, e distinto dos operários. ...¹³

A cobrança da Gazetinha se dá não apenas no sentido da necessidade da organização da Guarda Nacional, mas principalmente no papel que esta teria no controle das chamadas

¹³ FOUCAULT, *Op. Cit.*, p.146.

“espeluncas”, ou casas de prostituição. São constantes as chamadas no jornal de batidas as autoridades à estas casas, mas as ações sempre se mostram ineficientes (na fala do jornal, cabe lembrar) uma vez que não é dada continuidade às iniciativas. A cobrança é pela organização e pela vigilância constante, e o papel a que o jornal se atribui é o de empreender uma campanha neste sentido, zelando pelo “bem do povo”. Neste sentido a Gazetinha também se utiliza da ironia para insinuar que os mesmos homens da alta sociedade porto-alegrense, que tanto criticam a prostituição em nome da moral, são os que usufruem dos cuidados prestados pelas mulheres das espeluncas, como sugere a charge abaixo, exemplar da crítica feita pelo jornal:

FIGURA 5: Um dos muitos moralistas



“Um dos muitos moralistas: Oh! Pedir à autoridade que proíba uma espelunca! Que injustiça! Nunca! Nunca viu-se tal barbaridade.”

Fonte: Gazetinha, 29 de março de 1896.

A obediência e o controle, portanto, também deveriam passar por estas pessoas, que formam um discurso moralizante ao mesmo tempo em que este parece apenas ficar no papel, sugerindo a hipocrisia da sociedade porto-alegrense daquele período. Pouco antes da publicação da charge relativa aos moralistas, a Gazetinha insinua que além dos serviços prestados pelas espeluncas, mais acessíveis à população de baixa renda de acordo com o discurso apresentado, os cidadãos de alta estirpe também estariam dispostos a pagar altas

quantias pela companhia de moças de mais alta categoria, como sugere a outra caricatura publicada em fevereiro de 1896:

FIGURA 6: **Marquês das castanholas**



“Sim; feliz Berto, ora bolas,
 custou cara a bailarina.
 Qual! Marquez das castanholas,
 Si é coisinha papafina...”

Fonte: Gazetinha, 09 de fevereiro de 1896.

Se pudermos considerar a cidade de Porto Alegre do momento como inserida em um estado de vigilância, veremos que as atitudes são permanentemente fiscalizadas, pois ocupam as páginas dos jornais, buscando a educação pelo exemplo e incentivando a punição dos que provocaram desvios na ordem da vida em sociedade. Instala-se um poder disciplinar, como salienta Foucault, que perpassa todas as instâncias. A disciplina se torna uma forma de poder, por meio da qual é elaborado um estereótipo de comportamentos, especialmente os femininos e os pertencentes aos círculos familiares, que fez parte da mentalidade coletiva até há pouco tempo atrás. O estereótipo de retidão foi reforçado, entre outros veículos, pela literatura e pela imprensa. A moral, o bom comportamento e a disciplina tornam-se inerentes:

O poder disciplinar, graças a ela [a vigilância], torna-se um sistema ‘integrado’, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e

anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto e baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o repassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros; fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detem como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. (...) O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda a parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente ‘discreto’, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio.¹⁴

Em 1897, a Gazetinha considera ter cumprido seu papel de vigilante da moral e de protetora da população porto-alegrense com relação às casas de prostituição, embora ainda houvesse necessidade de que as ações policiais continuassem investindo. As ditas espeluncas são proibidas de continuar funcionando, e o jornal atribui à campanha empreendida esta proibição. Hoje sabemos que, após a publicação deste texto, as casas voltaram a abrir, ao mesmo tempo em que o jornal para de circular. Em fala pelo fim da campanha pela moralidade pública, a Gazetinha coloca:

MUITO BEM! Finalmente, após uma campanha tenaz contra a longanimidade policial quanto à permanência fixa de mulheres de costumes reprováveis em pequenos hotéis e bodegas do centro da cidade, podemos cantar vitória.

Finalmente, a coisa moralizadora de que muito somos os únicos arautos na imprensa porto-alegrense, acaba de ser tomada em consideração, séria e profícua, pela policia.

Afinal, está proibido aquele desrespeito à moral, contra o qual batemos resolutos e escudados na crença firme de que assim prestamos um valioso serviço á sociedade decente. ..¹⁵

A partir deste momento, o foco do jornal passa a ser a atenção à ação do policiamento urbano, constituindo-se em uma nova temática, entretanto nem tão diferente daquela trabalhada entre os anos de 1895 e 1897. O foco da Gazetinha pode não ser mais a mulher como prostituta nem as espeluncas, mas estas questões continuam sendo presentes em outros veículos de imprensa da época. A preocupação com a moralidade porto-alegrense seria

¹⁴ FOUCAULT, **Op. Cit.**, p.148. O poder “discreto” que é criado através da disciplina acaba sendo exercido sobre todos de maneira nem sempre perceptível. Para o autor, “... a disciplina cria entre os indivíduos um laço ‘privado, que é uma relação de limitações inteiramente diferente da obrigação contratual; a aceitação de uma disciplina pode ser subscrita por meio de contrato; a maneira como ela é imposta, os mecanismos que faz funcionar, a subordinação não reversível de uns em relação aos outros, o ‘mais-poder’ que é sempre fixado no mesmo lado, a desigualdade de posição dos diversos “parceiros” em relação ao regulamento comum opõem o laço disciplinar e o laço contratual, e permitem sistematicamente falsear este último a partir do momento em que tem por conteúdo um mecanismo de disciplina. ...” (p.183)

¹⁵ Gazetinha, 28 de janeiro de 1897.

sempre uma constante neste momento de transição política e social, embora a pauta passe a ser a polícia. Ao exigir melhorias do policiamento urbano a partir de 1897, a Gazetinha vai continuar exercendo seu papel de vigilante “ao lado do povo”, buscando uma nova forma de abordar a necessidade da disciplina em uma cidade que buscava o desenvolvimento e se tornar a sala de visitas do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas:

- DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre / Rio de Janeiro / São Paulo: Globo, 1962.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005, 30ed.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R.. **Antologia de humorismo e sátira**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX**. São Paulo: Nacional, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1994.
- RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 2ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1998.
- SILVA, Jandira M. da. & CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.
- SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. Gênero nos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. XXII, nº 1, jan/jun 1999, p.163-167.